





# Impacto da palhaçaria no ambiente hospitalar: uma abordagem humanizada no cuidado em saúde

*Impact of clowning in the hospital environment: a humanized approach to health care*

Submetido em: 27/06/2025 | Aceito em: 16/11/2025 | Publicado em: 05/02/2026

Jack Eduarda Antunes Batista<sup>1</sup> , Mirian Pereira de Oliveira<sup>1</sup> , Anita de Oliveira Silva<sup>1</sup> ,  
Lílian Cristina Abreu Castro<sup>1</sup> 

<sup>1</sup>Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG - Brasil  
E-mail: [lilian.castro@cienciasmedicasmg.edu.br](mailto:lilian.castro@cienciasmedicasmg.edu.br)

Declaração de conflito de interesses: Não há conflito de interesses

## RESUMO

**Introdução:** A palhaçaria hospitalar é uma prática que utiliza o humor e a arte para promover o bem-estar emocional, ressignificando positivamente o processo de internação. **Objetivo:** Relatar a experiência de estudantes de medicina em uma disciplina de palhaçaria hospitalar que inclui atividades em um hospital de grande porte na cidade de Belo Horizonte. **Relato da Experiência:** Trata-se de um estudo descritivo e qualitativo, do tipo relato de experiência. Durante o primeiro semestre de 2023, um grupo de acadêmicos do segundo período de medicina passou por um processo de treinamento na atividade de palhaçaria para a construção de personagens, de repertório artístico e para o estudo das normas de biossegurança em ambiente hospitalar. Em seguida, foram realizadas uma série de visitas quinzenais a pessoas internadas em um hospital vinculado ao Sistema Único de Saúde. No campo de prática, foram executadas músicas, realizados truques de mágica, brincadeiras, distribuição de presentes e conversas. Vários pacientes demonstraram se sentir mais descontraídos e bem humorados após a visita dos palhaços. Houve participação efetiva de grande parte do público nas interações. Cerca de 240 pessoas foram diretamente beneficiadas pela atividade. **Considerações Finais:** É possível afirmar que a palhaçaria hospitalar é uma forma de promoção da saúde, entretenimento e redução da tensão emocional por intermédio de práticas lúdicas e do cuidado humanizado. Ademais, as experiências obtidas no projeto contribuíram para uma formação profissional e pessoal mais integral e ética dos futuros médicos.

**Palavras-chave:** Relações Comunidade-Instituição; Clown Terapêutico; Humanização; Educação Médica.

## ABSTRACT

**Introduction:** Hospital clowning is a practice that uses humor and art to promote emotional well-being, positively re-signifying the hospitalization process. **Objective:** To report the experience of medical students in a hospital clowning discipline that included activities in a large hospital in the city of Belo Horizonte. **Experience Report:** This is a descriptive and qualitative study of the experience report type. During the first semester of 2023, a group of second-year medical students underwent a training process in clowning activities to build characters, artistic repertoire, and to study biosafety standards in a hospital environment. Then, a series of biweekly visits were made to people hospitalized in a hospital linked to the Brazilian unified health system. In the practice field, songs were played, magic tricks were performed, games were played, gifts were distributed, and conversations were held. Several patients reported feeling more relaxed and good-humored after the clowns' visit. There was effective participation of a large part of the audience in the interactions. Approximately 240 people were directly benefited by the activity. **Final Considerations:** It is possible to state that hospital clowning is a way of promoting health, entertainment and reducing emotional tension through playful practices and humanized care. Furthermore, the experiences gained in the project contributed to a more comprehensive and ethical professional and personal training of future doctors.

**Keywords:** Community-Institution Relations; Therapeutic Clown; Humanization; Medical Education.

---

## INTRODUÇÃO

O processo de hospitalização evidencia a complexidade e a vulnerabilidade humanas, abrangendo não só os aspectos físicos da doença, mas também suas dimensões emocionais, psicológicas e sociais. O adoecimento gera incertezas e angústias que afetam o corpo, a mente e as relações interpessoais, prejudicando o equilíbrio emocional do paciente e interferindo negativamente em seu processo de saúde-doença. Tanto o paciente quanto seus cuidadores são impactados, de forma que os acompanhantes também vivenciam intenso sofrimento e fragilidade psíquica ao lado da pessoa internada <sup>1,2</sup>.

Diante desse cenário, o exercício da humanização torna-se crucial no cuidado à pessoa que atravessa um processo de hospitalização. Nesse sentido, atividades lúdicas podem desempenhar um importante papel na promoção da saúde, proporcionando alívio emocional e bem-estar aos pacientes. Atividades lúdicas ajudam a reduzir o estresse e a ansiedade, criando momentos de descontração que favorecem o enfrentamento da doença e tornam o ambiente hospitalar mais leve e acolhedor.

Dentre as artes, como promotoras da saúde, a palhaçaria hospitalar é descrita como uso de técnicas do palhaço circense adaptadas ao contexto hospitalar, com o propósito de elevar o humor e melhorar o estado mental das pessoas. Seu enfoque está nas necessidades subjetivas dos pacientes, que orientam a dinâmica e a improvisação das interações realizadas pelos palhaços <sup>3,4</sup>. Dessa forma, a palhaçaria hospitalar é um recurso lúdico que incorpora a imagem do palhaço e suas características no contexto da enfermidade, modificando o ambiente em que o paciente está inserido, com o objetivo de elevar seu humor e promover sua saúde geral <sup>5</sup>.

Por meio da habilidade singular de criar conexões e de reinterpretar situações, a figura do palhaço pode ressignificar positivamente o período de internação, introduzindo a alegria e a brincadeira em um ambiente comumente marcado pela dor.

O riso, que é reconhecido como uma expressão corporal, desencadeia modificações hormonais que repercutem diretamente na fisiologia humana. Durante o riso genuíno, ocorre a liberação de substâncias como endorfina, dopamina, ocitocina e serotonina, amplamente denominadas hormônios associados ao bem-estar e à felicidade. Esse mecanismo resulta em respostas analgésicas, relaxantes, estimulantes e na promoção de sensações prazerosas, contribuindo para a saúde física e o equilíbrio emocional do indivíduo <sup>6</sup>.

No entanto, a atividade de palhaçaria hospitalar vai muito além da simples ação de provocar o riso. No hospital, palhaços bem treinados atuam em busca de conexões afetivas, gerando momentos onde os pacientes possam contar com escuta ativa, acolhimento e trocas afetivas <sup>7</sup>. Além do riso e da descontração momentânea, a palhaçaria pode favorecer o desenvolvimento de relações mais saudáveis dentro do ambiente hospitalar, possibilitando o fortalecimento dos vínculos entre pacientes, acompanhantes e equipes de saúde <sup>8</sup>. Esses vínculos são construídos a partir de interações que se desenvolvem ao reconhecer no palhaço uma figura de acolhimento, que oferece um espaço seguro para expressar emoções, mesmo aquelas mais complexas, como medo e angústia. A presença do palhaço facilita a criação de um ambiente de confiança e humanização, promovendo não apenas alívio emocional, mas também uma conexão que beneficia tanto o paciente quanto o profissional de saúde. É comum que os pacientes, ao perceberem a relevância desse vínculo, demonstrem entusiasmo ao indagar sobre o retorno dos palhaços, sinalizando que a palhaçaria fornece efeitos positivos sobre o seu bem-estar durante a hospitalização. Esse feedback, por sua vez, gera uma sensação que reforça a motivação do palhaço, contribuindo para o fortalecimento da conexão <sup>9</sup>.

A palhaçaria no ambiente de saúde abrange uma ampla gama de intervenções que incluem atividades lúdicas e artísticas para promover interação, relaxamento, resgate de memórias afetivas, escuta qualificada e melhora emocional. Essas ações contribuem para imprimir leveza à rotina hospitalar, facilitando o diálogo, a comunicação espontânea e a liberdade expressiva, sempre pautadas pela delicadeza no manejo da dor e do sofrimento humano <sup>10</sup>. Há evidências clínicas de melhora dos pacientes em diferentes aspectos. Estudos revelam que os palhaços hospitalares são eficazes na redução do estresse e da ansiedade em crianças hospitalizadas e em seus pais <sup>3, 11, 12, 13, 14</sup>. Além disso, proporcionar uma experiência mais leve de internação ajuda a reduzir complicações no período posterior, visto que pesquisas apontam que um alto nível de ansiedade em crianças submetidas a procedimentos dolorosos pode ser um preditor de problemas que persistem no período subsequente à internação <sup>3, 11</sup>.

Os palhaços também demonstraram potencial para melhorar a cooperação dos pacientes durante procedimentos médicos e de enfermagem <sup>13</sup>. Observou-se, em procedimentos invasivos, como infiltrações articulares, menores níveis de dor e estresse, e, em alguns casos, eliminação da necessidade de sedação do paciente. <sup>11</sup>

Registros históricos atestam a presença de palhaços em ambientes hospitalares desde o começo do século XX <sup>3</sup>, no entanto, a regularização da atividade é mais recente. Uma relação mais próxima entre as áreas da palhaçaria e da Medicina pode ser observada a partir da década de 1970, com o trabalho do médico norte americano Hunter Doherty Adams, mais conhecido como Patch Adams, nos hospitais do Medical College of Virginia e Gesundheit Institute. Na década de 1980

destaca-se o trabalho de Michael Christensen, no Clown Care Unit, em Nova York e, no Brasil, a palhaçaria hospitalar se profissionalizou com a fundação do grupo Doutores da Alegria, em 1991<sup>15</sup>. Nos últimos anos, a presença de palhaços no ambiente hospitalar tem se ampliado significativamente em todo o país, consolidando-se como uma prática diversificada e em constante crescimento. Atualmente, mais de 700 grupos<sup>3</sup> se dedicam a essa atividade, realizando visitas a alas hospitalares adultas e pediátricas. Alguns desses grupos são formados por artistas profissionais, especializados no campo da palhaçaria e que passam por um processo permanente de treinamento e monitoramento das atividades hospitalares. Há também grupos amadores, formados por pessoas que têm o desejo de se envolver em projetos de natureza filantrópica e, há, ainda, grupos híbridos, integrando profissionais experientes e palhaços iniciantes. Essa expansão evidencia o papel da palhaçaria como uma abordagem complementar, contribuindo para a melhoria da experiência dos pacientes e fortalecendo práticas de acolhimento e bem-estar no cenário da saúde<sup>16</sup>.

O campo vem se expandindo e, atualmente, já se observa palhaçaria hospitalar sendo vinculada a projetos de extensionistas em diversas universidades, tanto na área de Saúde quanto na de Artes Cênicas, enriquecendo a formação acadêmica com experiências no cuidado humanizado. Estando entre os três pilares fundamentais da educação superior – ensino, pesquisa e extensão –, a extensão universitária cumpre uma via de mão-dupla, sendo pertinente tanto na formação do estudante quanto no âmbito da transformação social<sup>17, 18, 19</sup>. Ao possibilitar que estudantes, pesquisadores e professores se envolvam diretamente com a comunidade, promove-se o processo de aprendizagem, o desenvolvimento social e a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos envolvidos. Assim, a prática da palhaçaria hospitalar no campo da extensão universitária oferece benefícios significativos não apenas para os pacientes, mas também para os acadêmicos. Do ponto de vista dos estudantes, a participação em projetos de palhaçaria hospitalar contribuiu para a redução do estresse e da ansiedade gerados pelos desafios do ambiente acadêmico, além de aprimorar seus níveis de empatia e suas habilidades de comunicação interpessoal<sup>1</sup>. Tais práticas fortalecem a formação dos universitários, permitindo uma abordagem mais acolhedora e sensível no cuidado à saúde<sup>20</sup>.

Recentemente, a prática da palhaçaria hospitalar também vem sendo desenvolvida em disciplinas curriculares, viabilizadas a partir do processo de curricularização da extensão universitária. A curricularização da extensão cumpre com as diretrizes vigentes no atual *Plano Nacional de Educação* (PNE 2014-2024), segundo o qual as atividades de extensão devem compor, no mínimo, 10% da carga horária total dos cursos de graduação, as quais deverão fazer parte da matriz curricular dos cursos<sup>21</sup>. Nesse contexto, o estudo curricular da palhaçaria hospitalar emerge como uma prática interdisciplinar de grande potencial formativo e transformação social.

Este trabalho relata a experiência de estudantes de medicina de uma universidade privada, ao cursar uma disciplina curricular de palhaçaria hospitalar desenvolvida junto a um hospital com atendimento 100% SUS na cidade de Belo Horizonte.

---

<sup>1</sup> Dados obtidos a partir de relatos dos estudantes que cursaram a disciplina Palhaçaria Hospitalar. Participaram do projeto um total de 50 turmas de cerca de 12 alunos cada, entre os anos de 2021 e 2025.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trata-se de um estudo descritivo, qualitativo, do tipo relato de experiência que apresenta uma atividade de ação em saúde, a qual foi desenvolvida, estabelecendo uma metodologia que permitisse uma abordagem dinâmica, a fim de proporcionar aos pacientes um momento de descontração e bem-estar, por meio da interação com os acadêmicos de medicina através da arte da palhaçaria.

Figura 1. Construção das personagens palhaças.



Fonte: Acervo dos autores (2023).

O projeto faz parte da disciplina curricular Prática Formativa da Comunidade II e foi realizado por acadêmicos do segundo período de uma faculdade privada de Belo Horizonte/MG. A disciplina foi ministrada por uma professora Doutora em Artes Cênicas e com trajetória educacional voltada ao ensino das artes aplicadas à educação médica. O projeto foi executado durante o primeiro semestre de 2023, tendo como campo de prática uma unidade hospitalar de grande porte, vinculada ao Sistema Único de Saúde, localizada na capital mineira.

Os estudantes, inicialmente, tiveram aulas teóricas tangentes à história da palhaçaria e à importância das intervenções extensionistas no ambiente hospitalar, além de serem esclarecidas as regras e os cuidados específicos na prevenção a infecções relacionadas à assistência em saúde.

Ainda na fase de preparação foram realizadas, em sala de aula, dinâmicas específicas do campo das Artes Cênicas, fundamentadas em metodologias teatrais propostas por autores como Spolin e Boal<sup>22, 23</sup>, entre outros. Nesse momento os estudantes passaram por um processo de autoconhecimento e desinibição, e também estudaram técnicas de improvisação, dicção e projeção vocal, expressão corporal, criação de personagens e ensaios de materiais artísticos. Cada acadêmico foi incentivado a criar um personagem-palhaço a partir de suas características e habilidades pessoais e a desenvolver um repertório artístico que poderia contar com elementos diversos como música, canto, dança, poesias, mágicas, histórias, brincadeiras e confecção de presentes artesanais. Nesse contexto dinâmico, o grupo obteve a oportunidade de aprofundar seus laços interpessoais, identificar as habilidades individuais de cada membro e, coletivamente, avaliar a pertinência de cada atividade para o ambiente em questão. Entre as propostas contempladas, incluíram-se a leitura de poemas, a confecção de origamis, a execução de músicas e a entrega de presentes.

Concluído o processo de treinamento, deu-se início a segunda fase da disciplina: a realização das visitas. A primeira ida ao campo de prática foi destinada à avaliação do território, ao reforço às regras de biossegurança no ambiente hospitalar e, principalmente, à familiarização dos

alunos com os profissionais de saúde e com os pacientes, proporcionando-lhes uma compreensão mais consolidada da atividade proposta pelo projeto de palhaçaria.

Sequencialmente, as visitas eram realizadas de forma quinzenal e os palhaços se apresentavam vestidos com trajes e adornos coloridos, típicos da palhaçaria, além de portarem instrumentos musicais como violão, cavaquinho, pandeiro e chocalhos. Além disso, sempre utilizavam os equipamentos de segurança adequados à atividade, como o jaleco e máscara cirúrgica. A interação com os pacientes, acompanhantes e funcionários ocorria tanto nos corredores do hospital quanto dentro das enfermarias, sempre com a devida autorização e disponibilidade prévia do público-alvo para essa aproximação. Nessa perspectiva, a interação ocorria de forma fluida e individualizada, haja vista que cada paciente se comporta de forma diferente e possui histórias de vida distintas, gerando uma dinâmica diversificada e, concomitantemente, única, além de viabilizar o intercâmbio de experiências variadas. Durante as ações, foram tocadas e cantadas músicas de múltiplos estilos, realizados truques de mágica e distribuídos presentes como poemas impressos, origamis e artesanatos. Além disso, havia sempre um momento de conversa descontraída, incluindo a escuta atenta às demandas de cada paciente e/ou acompanhante.

**Figura 2.** Artesanatos confeccionados pelas alunas para serem entregues como presente aos pacientes.



Fonte: Acervo dos autores (2023).

Na semana anterior a cada visita era realizado um encontro em sala de aula, de forma que os estudantes pudessem planejar e avaliar suas atividades, assim como produzir os materiais e presentes a serem levados a campo. Essas aulas eram conduzidas por outra docente, responsável por acompanhar e orientar os planejamentos de todos os subgrupos da disciplina Prática Formativa na Comunidade II <sup>2</sup>.

## REFLEXÕES TEÓRICAS

Atuar com palhaçaria hospitalar é mais do que levar sorrisos e risadas aos corredores de unidades de saúde; é promover cuidado, escuta e acolhimento em um ambiente marcado por vulnerabilidades. Para o palhaço, o hospital é território de encontros; a palhaçaria vai além da comicidade e se transforma em elo de afeto e conexão entre pessoas <sup>8</sup>. Por meio de ações interativas, essa prática utiliza a linguagem do afeto, do humor e da presença sensível para aliviar tensões,

---

<sup>2</sup>Cada turma de alunos da disciplina Prática Formativa na Comunidade é dividida em cinco ou seis subgrupos de 12 estudantes. Cada um desses subgrupos realiza projetos extensionistas diferentes em campos diversos como escolas, instituições para pessoas com deficiência, projetos para menores aprendizes, ILPIs e, no caso específico da palhaçaria, hospitais.

fortalecer vínculos e humanizar as relações entre pacientes, familiares e profissionais. As intervenções lúdicas dos palhaços hospitalares contribuem para resgatar a leveza em meio ao sofrimento, promovendo bem-estar emocional e reforçando a dimensão subjetiva do cuidado. Palhaços conseguem estabelecer relações de qualidade dentro dos hospitais, o que faz com que os pacientes se tornem mais ativos, mais comunicativos e tenham maior chance de adesão ao tratamento <sup>24</sup>.

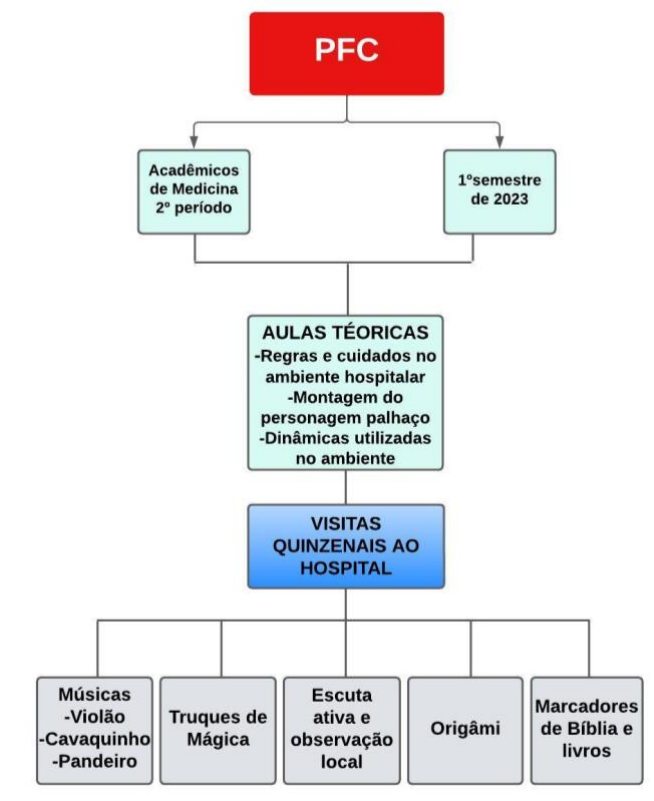
Esse compromisso com o cuidado integral refletiu-se nos impactos concretos do projeto, que alcançou não apenas os pacientes hospitalizados, mas também acompanhantes e profissionais da saúde. As atividades envolveram uma ampla faixa etária, sobretudo adultos e idosos, de acordo com o perfil assistencial da instituição, totalizando cerca de 240 pessoas diretamente beneficiadas.

As intervenções eram personalizadas e primavam sempre pelo respeito à segurança, autonomia e privacidade dos pacientes. Ao chegar na unidade de saúde os acadêmicos, sempre acompanhados pela professora de Artes Cênicas, seguiam algumas etapas para visita. Primeiramente, se vestiam como palhaços, se concentravam e reviam as ações artísticas a serem realizadas. Em seguida, se dirigiam ao posto de enfermagem do setor visitado, coletando informações essenciais ao trabalho de forma a atuar em integração com a equipe multidisciplinar do hospital <sup>8</sup>. Estar ciente de dados como aniversários, altas, necessidades de atenção especial, precauções de contato e isolamentos são fundamentais para que um palhaço hospitalar possa realizar um bom trabalho. Somente de posse das recomendações dadas pela equipe de enfermagem é que os palhaços iniciavam as interações artísticas, mas sempre perguntando antes, na porta de cada enfermaria, se os pacientes desejariam ou não receber a visita.

Algumas interações também aconteciam nos corredores e salas de espera, mas quase sempre de forma individualizada. Dependendo dos espaços da instituição, o palhaço pode interagir com grupos reduzidos em locais de circulação, mas, em geral, sua presença se direciona de maneira focada e individualizada, voltada a uma ou poucas pessoas <sup>7</sup>.

Durante as intervenções, cada pessoa visitada interagiu de maneira diversificada, sendo que a maioria dos pacientes participou de forma ativa, expressando satisfação com a companhia dos palhaços e declarando se sentir emocionalmente bem com a visita. Alguns pacientes dividiram histórias pessoais, outros compartilharam suas dores e inseguranças referentes ao contexto de

Figura 3. Visão geral da metodologia abordada no projeto.



Fonte: Acervo dos autores (2023).

hospitalização, e houve ainda os que somente participaram das atividades para entretenimento momentâneo. Uma pequena parcela de pacientes e acompanhantes optaram por não participar da intervenção, tendo assim, sua autonomia de escolha respeitada pelos palhaços. Da mesma forma, foi respeitado o direito à privacidade e confidencialidade dos participantes, de forma que os acadêmicos só realizavam fotografias e filmagens mediante o pedido e autorização prévia dos pacientes.

Em algumas circunstâncias, as ações de palhaçaria foram solicitadas para auxiliar profissionais da saúde, como fisioterapeutas e enfermeiros, na realização de alguns procedimentos, pois os pacientes se mostravam mais dispostos e colaborativos na presença dos palhaços. Nessas ocasiões, os estudantes presenciaram relatos de diminuição de dor e ansiedade, o que está em consonância com o resultado de algumas pesquisas<sup>12, 25</sup>. Houve também situações em que pacientes idosas, que já apresentavam quadros de demência e pouca interatividade, cantavam juntamente com os palhaços nas intervenções musicais, pois algumas músicas mais antigas – como “Trem das onze” e “Xote das meninas” – acessaram parte de sua memória preservada.

Em determinados quartos, pacientes dotados de habilidades musicais se apropriaram dos instrumentos disponibilizados pelos estudantes, revelando talentos que não apenas propiciaram o contentamento dos que tocavam, mas, também despertaram a admiração dos companheiros de enfermagem e dos extensionistas presentes.

Considerando os prolongados períodos de hospitalização enfrentados pelos pacientes, suas oportunidades de desfrutar momentos de arte e lazer são escassas. Diante desse contexto, a proposta de ocupar o tempo ocioso com atividades criativas emerge como uma alternativa importante, transformando a ação em uma experiência mais leve e menos dolorosa para aqueles que precisam dela<sup>26</sup>. Nesse sentido, essa iniciativa representou uma valiosa forma de expressão individual, capaz de proporcionar certo bem-estar e melhorar o humor dos envolvidos. Tal impacto positivo foi verbalmente testemunhado pelos próprios pacientes.

Do ponto de vista psicológico, podemos entender a presença dos palhaços dentro do ambiente hospitalar como um importante auxílio no processo de enfrentamento da doença e da busca da cura. O humor constitui uma forma sofisticada de defesa psíquica, diferente de mecanismos mais primitivos como a repressão ou a negação, sendo assim um modo mais elevado e maduro de lidar com o desprazer<sup>27</sup>. Além disso, o humor revela um aspecto resiliente da mente humana, podendo auxiliar na transformação de situações difíceis, angústias e sofrimentos em algo mais leve, mais suportável, até mesmo prazeroso<sup>28</sup>.

Com relação aos acadêmicos extensionistas, a participação na disciplina Palhaçaria Hospitalar gerou impacto pessoal e profissional importante, revelando-se como um marco significativo na humanização do cuidado entre os futuros médicos. Como a extensão universitária integra teoria e prática, promovendo uma aprendizagem mais sólida ao envolver tanto a comunidade interna quanto externa, ela permite que os alunos apliquem conhecimentos acadêmicos na prática, desenvolvendo habilidades essenciais, como comunicação e senso crítico, enquanto interagem com diferentes atores sociais. Além disso, a atividade extensionista contribui para a formação integral dos estudantes, fortalecendo sua capacidade profissional e cidadã e ampliando sua visão crítica da realidade<sup>29</sup>. Diante disso, ao permitir que os estudantes se engajem em atividades que transcendam as barreiras tradicionais do conhecimento técnico e os limites da sala de aula, o projeto tornou-se uma oportunidade valiosa para o intercâmbio de experiências voltadas à empatia.

Nesse sentido, através da interação direta com pacientes, os acadêmicos não apenas testemunharam as nuances da condição humana, mas também desenvolveram uma sensibilidade ética fundamental para a prática médica futura. O contato com a vulnerabilidade e a diversidade de experiências vivenciadas durante as visitas hospitalares atuou como uma ferramenta de reflexão profunda sobre o papel do médico como agente de cuidado integral <sup>30</sup>. Assim, o projeto de palhaçaria emergiu como uma ferramenta preciosa na formação de profissionais compassivos e comprometidos com o bem-estar e a dignidade de seus pacientes. Esta experiência vem se aliar ao modelo biopsicossocial em saúde, proporcionando aos participantes uma visão da medicina que considera a interação de fatores biológicos, psicológicos e sociais no processo saúde-doença.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a palhaçaria hospitalar, como atividade extensionista, desempenha um papel significativo e multifacetado na formação dos futuros profissionais da área da saúde, especialmente na medicina. Essa experiência não apenas contribui para o desenvolvimento técnico-científico, mas também para a formação humanística, essencial para um cuidado integral e de qualidade. Ao proporcionar momentos de leveza, descontração e alegria em um ambiente marcado pelo sofrimento e pela vulnerabilidade, essa prática transcende as intervenções convencionais focadas no diagnóstico e tratamento de doenças, ampliando a compreensão dos estudantes sobre a importância da humanização no cuidado em saúde. Durante a vivência, os estudantes têm a oportunidade de desenvolver habilidades interpessoais, como a escuta ativa, a comunicação não verbal, o olhar empático, a percepção integral do paciente e a capacidade de se colocar no lugar do outro. Essas competências, muitas vezes negligenciadas nas formações tradicionais, são fundamentais para a construção de uma relação terapêutica eficaz, que reconhece o paciente não apenas como um portador de enfermidades, mas como um ser humano com histórias, emoções e necessidades singulares.

Por meio das interações com os palhaços, os pacientes podem compartilhar angústias, solicitar apoio, e vivenciar momentos de descontração que contribuem para a reconfiguração da experiência de adoecimento, ressignificando positivamente o período de internação. Essa abordagem não apenas alivia o estresse relacionado ao tratamento, mas também promove transformações positivas no cotidiano, estimulando a resiliência emocional e o bem-estar integral.

**Figura 4.** Interação com paciente durante uma visita.



Fonte: Acervo dos autores (2023).

Além de beneficiar diretamente os pacientes, que recebem atenção humanizada e momentos de alívio emocional, a atividade também impacta positivamente a equipe de saúde. A presença dos palhaços hospitalares contribui para a criação de um ambiente mais acolhedor e colaborativo, promovendo bem-estar e motivação no cotidiano de trabalho. Para os próprios estudantes, a experiência se configura como uma oportunidade de autoconhecimento, resiliência e fortalecimento de valores éticos e sociais, ajudando-os a lidar melhor com as pressões e desafios inerentes à prática médica.

Portanto, a palhaçaria hospitalar revela-se uma estratégia valiosa para a formação de profissionais mais completos, éticos e humanizados, que compreendem a medicina como uma prática que vai além da técnica, integrando ciência e sensibilidade. Essa abordagem reforça a necessidade de repensar e expandir os currículos acadêmicos, incorporando atividades que promovam uma formação interdisciplinar e integral e que, ao mesmo tempo, impactem positivamente as comunidades atendidas. O potencial transformador dessa experiência demonstra que o cuidado humanizado é um pilar essencial para a construção de um sistema de saúde mais inclusivo, eficiente e compassivo.

## REFERÊNCIAS

1. Rosa EJ, Cardozo MV, Saggiaro AG, Cardoso BO, Santos MP, Teiche LVR, et al. A importância do diálogo enfermeiro-paciente durante hospitalização: relato de experiência. Anais da Mostra Científica do Programa de Interação Comunitária do Curso de Medicina. 2024;6. Disponível em: <https://www.periodicos.univag.com.br/index.php/picmed/article/view/2638>
2. Neves L, Gondim AA, Soares SCMR, Coelho DP, Pinheiro JAM. The impact of the hospitalization process on the caregiver of a chronic critical patient hospitalized in a Semi-Intensive Care Unit. Esc Anna Nery. 2018;22(2):e20170304. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2017-0304>
3. Catapan SC, Oliveira WF, Rotta TM. Palhaçoterapia em ambiente hospitalar: uma revisão de literatura. Ciência Saúde Coletiva. 2019;24(9):3417-29. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018249.22832017>
4. Dionigi A, Flangini R, Gremigni P. Clowns in hospitals. In: Dionigi A, Flangini R, Gremigni P, editors. Humor and Health Promotion. New York: Nova Science Publishers; 2012. p. 213-28.
5. Souza AD, Aguiar GAB, Glória MS, Lima KS, Guelpelel ACP. Percepções sobre o impacto de um projeto de palhaçaria hospitalar na humanização da atenção à saúde e na saúde mental dos envolvidos participantes. EmExt. 2023;22(1):57-78. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/67411>
6. Decósimo MM, Briere ES, Melo MVO, Chico FT, Menin JV. Sorrisos transformadores: um projeto de cura através da alegria e da palhaçoterapia. Rev Bras Educ Inov Univel. 2024;1(7). Disponível em: <https://periodicos.univel.br/ojs/index.php/rebeis/article/view/462>
7. Castro L. Palhaços: multiplicidade, performance e hibridismo. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2021.
8. Alves MM. Estruturação de ensino de palhaço em saúde: a escola de palhaçaria hospitalar [Dissertação]. Barretos: Fundação Pio XII/FACISB; 2024.
9. Doutores da Alegria. Sobre os Doutores [Internet]. 2024 [citado 2024 Dez 20]. Disponível em: <https://doutoresdaalegria.org.br/sobre-doutores/>
10. Lima AC, Souza AD, Aguiar GAB, Glória MS, Lima KS, Guelpelel ACP. Adaptação de um projeto de extensão de palhaçaria na pandemia da Covid-19. RET. 2023;10(19):169-93. Disponível em: <https://publicacoes.ific.edu.br/index.php/RevExt/article/view/3230>
11. Sridharan K, Sivaramakrishnan G. Therapeutic clowns in pediatrics: a systematic review and meta-analysis of randomized controlled trials. Eur J Pediatr. 2016;175(10):1353-60. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27605131/>
12. Sliman KA, Meiri N, Pillar G. Medical clowning in hospitalized children: a meta-analysis. World J Pediatr. 2023 Nov;19(11):1055-61. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC10533584/>

13. Lopes-Júnior LC, Bomfim E, Olson K, et al. Effectiveness of hospital clowns for symptom management in pediatrics: systematic review of randomised and non-randomised controlled trials. *BMJ*. 2020;371:m4290. Disponível em: <https://www.bmj.com/content/371/bmj.m4290>
14. Lopes-Junior LC, Silveira DSC, Olson K, Bomfim EO, Veronez LC, Santos JC, et al. Clown intervention on psychological stress and fatigue in pediatric patients with câncer undergoing chemotherapy. *Cancer Nurs*. 2020;43(4):290-9.
15. Brum DC. A palhaçaria hospitalar como conjunto de técnicas e sensibilidades: entrevista com Luciana Viacava. *OUV*. 2019;15(1):220-3. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouer/article/view/45528>
16. Brito CMD, Silveira R, Mendonça DB, Joaquim RHVT. O humor e o riso na promoção de saúde: uma experiência de inserção do palhaço na estratégia de saúde da família. *Ciência Saúde Coletiva*. 2016;21(2):553-62. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015212.00982015>
17. Silveira Fraga L. Extensão Universitária e Educação Popular: a perspectiva da extensão popular. *Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade*. 2024;33(76):156-73. DOI: 10.21879/faeeba2358-0194.2024.v33.n76.p156-173
18. Corrêa EJ. Extensão e universidade cidadã. *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*. 2005; Ano 3, nº 8, out. Disponível em: <https://www.ufmg.br/diversa/8/artigo-extensaoeuniversidadecidada.htm>
19. Gadotti M. Extensão universitária: para quê? São Paulo: Instituto Paulo Freire; 2017. Disponível em: <https://paulofreire.org/9-noticias/247-extensao-universitaria-para-que>
20. Ramos AC, Oliveira ESG, Javarini MA, Pereira GS. A extensão universitária: impacto, transformação e desafios: um guia a novos extensionistas. 2ª ed. Vila Velha: Universidade Vila Velha; 2023. Disponível em: <https://repositorio.uvv.br/handle/123456789/1224>
21. Plano Nacional de Educação 2014-2024. 2. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015. Disponível em file:///D:/Downloads/plano-nacional-educacao-2014-2024-2ed-1.pdf
22. Spolin V. Improvisação para o teatro. São Paulo: Perspectiva; 2021.
23. Boal A, Boal J, Carvalho S. Jogos para atores e não-atores. São Paulo: Editora 34; 2025.
24. Massetti M. A ética da alegria no contexto hospitalar. Rio de Janeiro: MDD; 2015.
25. Fusetti V, Re L, Pigni A, Tallarita A, Cilluffo S, Caraceni AT, et al. Clown therapy for procedural pain in children: a systematic review and meta-analysis. *Eur J Pediatr*. 2022;181(6):2215-25.
26. Brum DC, Battestin D. Palhaçaria hospitalar a partir de uma visão transpessoal. *Artce*. 2020;6(1). Disponível em: <https://revistas.ufg.br/artce/article/view/63548>
27. Freud S. O chiste e sua relação com o inconsciente. Rio de Janeiro: LeBooks Editora; 2019.
28. Freud S. O humor. In: *Obras completas*. Vol XVII. São Paulo: Companhia das Letras; 2014.
29. Sznitowski AM, Hennig TR, Brito PA, Pereira MSS, Gotardo DLF, Silva PSSN, et al. Contribuição da extensão universitária na formação discente. *Rev DELOS*. 2024;17(60): e2280. Disponível em: <https://ojs.revistadelos.com/ojs/index.php/delos/article/view/2280>
30. Freire MS. Cuidar com humor: relato de experiência da Liga Acadêmica do Riso [Trabalho de Conclusão de Curso]. Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás; 2024. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/8567>